1950

De 31 de Março a 9 de Abril

Festa da Virgem Dolorosa nos Congregados

31 de Março — Missa solene, às 11 horas, em honra de Nossa Senhora das Dores, e sermão pelo Rev. Dr. José António Martins Gigante, professor do Seminário Conciliar de Braga.

Às 19 horas — Sermão pelo Dr. Correia Pinto, O. F. M.. Stabat Mater e Bênção do SS. Sacramento.

* * *

Digna-se presidir à solenidade Sua Excelência Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, com a presença das Autoridades.

A regência da Orquestra e canto litúrgico está confiada ao distinto maestro Rev. P.e Alberto Braz.

Trasladação

Dia 1 de Abril — De Santa Cruz, às 22 horas, Procissão da **trasladação** da imagem do Senhor dos Passos para a Igreja do Seminário. Miserere no Largo de Santiago, junto ao Passo.

Via Sacra, às 23 horas, percorrendo os Passos. Meditações. Canto Orfeónico.

Bênção de Ramos

Dia 2 — Bênção e **Procissão de Ramos** da Igreja do Pópulo para a Sé Catedral, às 10 horas, pelas Ruas D. Frei Caetano Brandão e D. Paio Mendes. Missa com canto da Paixão.

O rito bracarense adorna de cerimónias privativas o fundo, comum a todos os latinos, da liturgia que comemora a entrada triunfal de Cristo em Jerusalém. A bênção é feita numa capela separada, donde se dirige a procissão para a Basílica. No meio do percurso Sua Ex.a Rev.ma faz a Adoração da Cruz; — é uma das tradicionais manifestações da Realeza de Cristo.

Depois de entrar a Procissão no templo, começa a Missa solene do dia, na qual é cantada a Paixão por três Diáconos. Intervem nesta, e em todas as outras solenidades, a especialíssima composição coral dos Seminários diocesanos, com a execução de cantos magníficos.

Procissão de Passos

Dia 2 — Da Igreja do Seminário, às 18 horas, magestosa **Procissão de Passos,** presidida por S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz. Sermão do Encontro no Largo de Carlos Amarante, pelo Rev. P.e António Ferreira Rodrigues, e Sermão do Calvário ao recolher da Procissão, pelo Rev. Dr. Sebastião Cruz.

A Procissão de Passos, tradicional em toda a terra portuguesa, é revestida em Braga de excepcional grandeza, notável pelo opulento figurado que nela intervem e pela sumptuosidade litúrgica da sua organização, comovente lembrança da Via Dolorosa.

Na véspera à noite sai de Santa Cruz, em camarim fechado, a imagem do Senhor. No caminho, ao passar no Largo de Santiago, é cantado o Miserere pela Schola Cantorum. Segue-se a comovedora Via Sacra nocturna, percorrendo as capelas dos Passos.

Actos culturais

Dia 4 — Às 21,30, no Salão Nobre da Biblioteca Pública, **Conferência de Cultura Religiosa:** «A Paixão de Cristo e os tempos actuais», pelo Rev. Frei Diogo Crespo, O. F. M..

Durante o dia, **Feira Franca,** espectáculo de grande beleza folclórica.

Dia 5 — Às 18 horas, na Sé Catedral — Ofício de Trevas.

Às 21,30 — **Concerto Coral-Sinfónico,** no Salão Medieval da Biblioteca Pública, sob a direcção do Rev. Dr. Manuel Faria.

A Quinta-feira da Ceia

Dia 6 — Às 9,30 horas. Horas Menores. Procissão para a Basílica. **Missa Pontifical,** e nesta, Bênção dos Santos Óleos. Comunhão do Clero; Vésperas e Procissão para a reserva da Sagrada Eucaristia.

Às 16 horas — **Lavapedes.** Sermão do Mandato, pelo Rev. P.e Guilherme da Silva Oliveira, pároco de Lordelo do Ouro, Porto. Ofício de Trevas. Matinas e Laudes de Sexta-feira.

Às 22 horas — Imponente procissão do **Ecce Homo,** organizada pela Irmandade da Misericórdia.

Na Quarta-feira à tarde, canta-se na Sé o 1.º ofício de Trevas, que são as Matinas e Laudes da Quinta-feira, pois nestes dias antecipam-se para a tarde do precedente as primeiras horas litúrgicas de cada dia. Os ofícios são chamados «de Trevas» por se irem apagando sucessivamente as luzes do templo, e em lembrança das misteriosas trevas que acompanharam a morte de Jesus.

Na Quinta-feira, dia da glorificação da S. Eucaristia, dia de indulgência, a missa Pontifical é celebrada com especial fausto. Com o Prelado, paramentam-se 12 presbíteros, 7 diáconos e 7 subdiáconos, os quais o acompanham ao altar onde, na Missa, são consagrados o Santo Crisma e os Óleos dos Catecúmenos e dos Enfermos. Depois da Comunhão, e durante o canto de Vésperas, é transportada a Sagrada Hóstia para o trono onde fica reservada.

À tarde a comovente liturgia do **Mandato** finaliza os ofícios do dia. O 2.º ofício de trevas é já do dia seguinte.

O Parasceve

Dia 7 — Às 9,30 horas. **Missa de Pressantificados,** com Leituras, Paixão, Admoestações, Oração litânica, Adoração da Cruz. Reposição da Sagrada Reserva. Comunhão do celebrante. Vésperas. Inclusão da Hóstia Consagrada no féretro. **Procissão do Enterro** e sermão pelo Rev. P.e Guilherme de Oliveira.

Às 17,30 — Terceiro ofício de Trevas.

Às 19,30 — Sermão da Soledade pelo Dr. Bernardo Xavier Coutinho, Professor do Seminário Maior do Porto.

Às 22 — **Procissão do Enterro,** nas ruas da cidade, pelas Irmandades de Santa Cruz e da Misericórdia.

Os ofícios do dia são de magnificência lutuosa pois todos se consagram à lembrança da morte do Senhor. Neste dia o Celebrante não consagra: comunga uma das Hóstias reservadas no dia antecedente. Ao findar a missa, é colocada no féretro uma Terceira Hóstia, e com esta se faz a procissão do enterro por um privilégio especialíssimo do Rito bracarense; é, assim, teofórica esta procissão interna, isto é, transporta realmente o Senhor.

À tarde, o 3.º ofício de trevas (Matinas do Sábado) depois do qual é prègado o sermão da Soledade.

Mais à noite as Irmandades de Santa Cruz e da Misericórdia saem com a magestosa Procissão do Enterro na qual se incorpora o elemento oficial.

Sábado de Aléluia

Dia 8 — Na Sé, às 9,30 horas. Bênção do Lume novo. Bênção do Círio Pascal. Profecias. Procissão litânica. Bênção da Fonte Baptismal. Missa de **Aleluia.**

Nos Congregados, às 18 horas. **Coroação** de Nossa Senhora.

As Matinas com Laudes, 3.º ofício de Trevas, foram celebradas na tarde de Sexta-feira, como é de regra neste Tríduo.

Os ofícios da manhã do sábado foram, principalmente, nocturnos: eram celebrados durante a noite, e terminavam na alvorada do domingo. Sucessivamente antecipados, foram finalmente fixados na manhã de sábado.

As profecias, ou leituras que seguem as bênçãos do lume e do Círio Pascal, estão relacionadas ao baptismo, ideia dominante do dia: era, então, que recebiam esse Sacramento os catecúmenos, preparados durante a Quaresma.

Na Missa Solene, à Glória descerram-se as imagens, e os sinos, silenciosos desde Quinta-feira, recobram o alegre sonido em repiques triunfais. Desprende-se do alto a bandeira da Ressurreição.

Fora do templo, a cidade reveste-se de galas e manifesta-se em actos de regosijo popular. — É a Páscoa!

* * *

Na igreja dos Congregados, às 18 horas, realiza-se um acto de tocante significado. Tiradas as espadas que trespassam o coração da imagem de Nossa Senhora das Dores, esta é coroada solenemente.

Domingo de Páscoa

Na Sé, às 9,30 horas. Ofícios. Procissão da Ressurreição. **Missa Pontifical** com Bênção Papal.

— **Visita Pascal.** Bênção litúrgica das casas de habitação.

Depois do ofício, breve e jubiloso, como será durante os 50 dias seguintes no Rito bracarense, Sua Ex.ª Rev.ma dirige-se ao altar onde se depositou, como em sepulcro, o Corpo do Senhor. Do féretro, que ontem se transformou em Sacrário por meio de rico pavilhão, é tirada a Hóstia com que se fizera a procissão do Enterro, e põe-se logo em marcha a procissão da Ressurreição. Nela apenas se canta, até para a bênção final, o «Regina Coeli, laetare», parabens da igreja bracarense à Mãe do Redentor ressuscitado.

É solenissima a Missa Pontifical que segue. Ao fim dela o Venerando Prelado, usando as faculdades do Direito, dá a Bênção Papal, que tem anexa indulgência plenária.

* * *

Depois do Pontifical, começa, saida de todas as igrejas, a Visita Pascal. Esta é, entre nós, acto litúrgico incluido no ritual como fórmula privativa da bênção das casas. Por toda a arquidiocese, e em Braga especialmente, este acto é revestido de brilho e imponência singular. Na freguesia da Sé esta Visita e bênção começa na Câmara Municipal, lidima representante do Concelho.

Organização das Procissões

Nas três grandes procissões das solenidades, — a de **Passos,** em Domingo de Ramos, do **Ecce Homo,** na Quinta-feira Santa, e do **Enterro,** na Sexta-feira, intervem grande número de anjos e figuras simbólicas.

Não são, porém, distribuidas ao acaso, mas dentro de planos estabelecidos. Para que os circunstantes possam melhor seguir essa parte dos cortejos, publica-se o resumo.

Procissão de Passos

Domingo, 2

1.º — Após os pendões da Irmandade, uma figura, ladeada de anjos, transporta a bandeira de Roma, S. P. Q. R. **(Senafus Populus Que Romanus; Senado e Povo Romano).**

2.º — **Jesus caminha para o Horto das Oliveiras.** — O Salvador com os discípulos Pedro, Tiago e João.

3.º — **Agonia de Jesus no Horto** — Anjo com o cálix da amargura; outros com inscrições que reproduzem palavras do Salvador.

4.º — **Prisão de Jesus** — O Salvador rodeado por figuras alusivas à sua prisão.

5.º — **Antes que o Galo cante, três vezes me negarás.** — S. Pedro rodeado de outras figuras representando o passo da negação.

6.º — **Flagelação e coroação de espinhos.** — Anjos que transportam os instrumentos desse martírio.

7.º — **A Caminho do Calvário** — Querubins rodeiam Jesus entre soldados, seguidos por Maria Santíssima, S. João e Madalena.

8.º — Grupo simbólico da Oração, Caridade, Humildade, Resignação, Remissão da Culpa, Redenção.

9.º — **A Verónica** com o Santo Sudário.

10.º — **O Centurião:** oficial romano que dirigiu a crucifixão do Senhor, e Lhe golpeou, morto, o coração.

11.º — **Jesus consola as mulheres de Jerusalém.** — Grupo de hebreias alusivo a esse passo.

12.º — **Jesus injuriado.** — Aludindo aos escárneos dirigidos ao Senhor, Anjos transportam emblemas dos principais martírios.

13.º — **Jesus recomenda sua Mãe ao discípulo amado.** — Seguem S. João e Maria Madalena.

14.º — **Jesus morre na Cruz.** — Querubins com as últimas palavras proferidas pelo Senhor.

15.º — **Última dôr de Maria Santíssima.** — Nossa Senhora das Dôres com Anjos.

16.º — As três Marias transportam os perfumes da sepultura do Senhor.

17.º — A Paixão. Figura entre Anjos.

18.º — A Meditação.

19.º — Santa Brígida, cuja vida se relaciona ao culto da via-dolorosa.

20.º — Santa Helena e Constantino Magno, a quem se deve a descoberta das relíquias da Paixão.

21.º — Grupo de Querubins com turíbulos.

Procissão do Senhor Ecce Homo

Quinta-feira, 6

1.º — Grupo de Figuras e anjos abrindo o préstito.

2.º — **Agonia de Jesus no Horto.** — Querubins com emblemas alusivos.

3.º — A resignação: figura alusiva.

4.º — **Prisão de Jesus.** — Jesus preso por soldados e seguido de três discípulos, Pedro, Tiago e João.

5.º — A Humildade: figura simbólica.

6.º — **Jesus açoitado e coroado de espinhos.** — Anjos transportam os instrumentos do martírio.

7.º — S. João, Maria Santíssima e a Madalena, que seguiam os passos do Senhor, rodeados de anjos.

8.º — A Remissão da Culpa: figura simbólica.

9.º — A **Verónica,** que transporta o Santo Sudário.

10.º — A Fé, a Oração e a Penitência: figuras simbólicas.

Andor do Senhor Ecce Homo

11.º — **As três Maria,** transportam os vasos de perfumes.

12.º — **Jesus injuriado.** — Grupo de Querubins recordando, com os emblemas do martírio, os insultos sofridos pelo Senhor.

13.º — S. Brígida, escritora mística da Paixão.

14.º — **Jesus morre na Cruz** — Inscrição rodeada por querubins com instrumentos do martírio.

15.º — A Paixão: figura simbólica.

16.º — Grupo de figuras decorativas.

17.º — Santa Helena, que descobriu a verdadeira Cruz e seu filho Constantino, que, por Ela, deu a paz à Igreja.

18.º — A Redenção: figura simbólica.

19.º — Grupo de Querubins com turíbulos.

Procissão do Enterro

Sexta-feira, 7

1.º — O cortejo é aberto por figura portadora do estandarte entre anjos.

2.º — **A agonia no Horto.** — Uma figura traz, arrastando, uma cruz e um ramo de oliveira, alusivo ao Horto das Oliveiras.

3.º — Anjos transportando a coroa de espinhos, a cruz e o cálix.

4.º — A **Flagelação.** — Figura alusiva.

5.º — Grupo de Querubins, alusivos à coroação de espinhos.

6.º — A **Coroação de Espinhos.** — Figura.

7.º — Grupo de Querubins, alusivos ao descimento da Cruz.

8.º — **O descimento da Cruz.** — Figura simbólica.

9.º — As Sete Dores de Maria Santíssima Grupo de sete figuras alusivas.

10.º — A Penitência. Figura simbólica.

11.º — Seis Querubins com emblemas da Paixão.

12.º — A Resignação. Figura simbólica.

13.º — A Verónica, transportando o Santo Sudário.

Esquife do Senhor Morto

14.º — José de Arimateia e Nicodemos, que depuseram da Cruz o Salvador.

15.º — O Centurião, com soldados romanos: a guarda do Sepulcro.

16.º — As três Marias (Salomé, Cleofas e mãe de Tiago) com os vasos de perfume alusivos à sepultura do Senhor.

17.º — Querubins transportando os cravos.

18.º — Nossa Senhora da Soledade, acompanhada de S. João e da Madalena.

19.º — A paixão. Figura simbólica.

20.º — Quatro Querubins com a Sentença, Esponja, Martelo e Título da Cruz.

21.º — Santa Brígida, escritora da Paixão.

22.º — Cinco Querubins tranportam lanças.

23.º — Os imperadores, Santa Helena e seu filho Constantino Magno.

24.º — Quatro Querubins transportam turíbulos.

A cidade de Braga, onde decorrem com notável imponência os grandiosos actos religiosos apontados neste programa, alguns com modalidades muito diferentes dos actos do culto correspondentes em outras dioceses — em virtude do seu rito privativo, — está situada numa região encantadora, e rodeada de incomparáveis belezas.

Merece entre estas apontar-se o **Bom Jesus do Monte,** onde a arte e a natureza deram as mãos, para transformar a colina em um monumento que culmina com templo grandioso.

Ainda mais acima, o **Sameiro,** célebre pelo templo de N. Senhora, e que domina um panorama surpreendente.

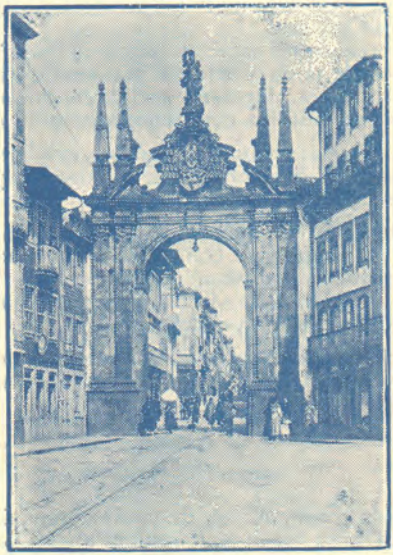
Seguindo a estrada, outra estância religiosa, a **Falperra,** com novas perspectivas interessantes, e, descendo, o Parque da Ponte, recanto muito belo, junto à cidade, com um notável **Estádio** em conclusão.

Por toda a cidade, templos e outras obras de arte, se impõem ao exame dos nossos visitantes.

Não devem, porém, de modo algum, deixar de visitar, na Basílica, o opulentíssimo

Tesouro da Sé

escrínio de preciosas obras artísticas, do culto e de diferentes épocas, que constitui uma permanente e apreciável Exposição de Arte Sacra.



Ofic. Gráf. Augusto Costa — Braga
1000 ex. 17-3-1950